À margem de "Caminhos e Fronteiras"

TEMISTOCLES LINHARES

Vejo no sr. Sergio Buarque de Holanda não só o escritor que ele realmente é, escrevendo maravilhosamente bem à sua língua, dispondo de uma cultura geral incomum, como homem que tenha lido tudo, nos mais variados campos, mas também o tipo de sociólogo ou estudioso de nosso passado, ou melhor, de etnógrafo que se propõe penetrar no mundo colonial brasileiro sem os preconceitos europeus, tão irritantemente limitados nas suas conclusões, pois, como se sabe, o europeu parte sempre de suas experiências próprias, com desprezo quase absoluto da experiência universal.

Aliás, o que se diz da sociologia européia se estende à chamada sociologia cristã, que já conta entre nós com abundante literatura, mas sempre circunscrita a descrever um tipo especial de sociedade: a sociedade cristã. Será preciso dizer que essa sociedade nasceu ontem e que o seu âmbito de ação é muito confinado nas nações contemporâneas, inclusive nas da América, a ponto de se poder fixar dentro de teses absolutas os arquetipos dos diferentes grupos sociais americanos?

O fato é que tanto a sociologia européia como essa sociologia cristã se fixam mais em fenômenos próprios da chamada civilização ocidental, para incidir em generalizações no tempo e no espaço e dar fisionomia peculiar ao dogma católico da Idade Média que admitia a existência de homens superiores, raças superiores, idéias superiores, as quais eram, afinal, as suas próprias.

Ora, está claro que qualquer critério científico se opõe a tal processo, devendo inclinar-se, como dizia já o sociólogo colombiano Germán Arciniegas, com o mesmo respeito ou pelo menos com a mesma curiosidade, diante de ingleses ou lapões, haitianos ou germanos. O descobrimento, como diz a doutrina — é que permite atenuar o rigor de certos princípios, transformados já em preconceitos, e entrar por uma porta menos estreita, para o estudo do homem social e de suas técnicas rurais, tantas vezes nascidas de condições específicas do meio, como se verifica em *Caminhos e Fronteiras* (ed. José Olympio), a nova obra publicada pelo sr. Sergio Buarque de Holanda e na qual a paisagem colonial brasileira toma coloridos muito diferentes dos do litoral nordestino, por exemplo, onde a riqueza agrária se expressava na sólida habitação do senhor de engenho.

Tratando mais da sociedade constituída no planalto de Piratininga, da sua situação de imaturidade ou instabilidade, Sergio Buarque começa por assinalar a vocação de sua população nativa, que estava em caminhar, que convidava ao movimento, ao contrário do que ocorria nas terras do massapê gordo, nas suas grandes propriedades rurais, formadoras de indivíduos sedentários.

vestirem do caráter de experiências humanas tanto quanto os dos europeus ou cristãos. Isso prova também que a moral que ainda aprendemos nas escolas não é uma ciência dos costumes, que ela é ainda uma espécie de filosofia ou de especulação da inteligência fundada no estudo ou descrição de um tipo particular de sociedade, essa mesma sociedade cristã, que se quis desumanizar através dos heroicos esforços da mística, contrariando a ciência, colocada em plano inferior, mas no plano da realidade, que é um plano definitivamente humano, como salienta o mesmo German Arciniegas.

Nesse ponto Sergio Buarque se inscreve na hoje já numerosa coorte dos investigadores que partem do método indutivo para a humilde comprovação da verdade, sem presunções dogmáticas, admitindo muitas vezes que estudos posteriores a modifiquem. Foi Bertrand Russell quem demonstrou bem a importância desse critério científico para a investigação, a despeito de não lhe ser possível a formulação de grandes concepções filosóficas, à maneira dos antigos, que se valiam do método dedutivo, para fixar os princípios reguladores da conduta dos homens. Como ele salientava, os sábios antigos se colocavam nas nuvens, no Olimpo, e dele desciam até o homem para lhe impor alguns pontos de vista que assim adquiriam prestígio celestial. Talvez por isso é que se dizia ser a autoridade proveniente de Deus. Depois, no mundo antigo, havia um profundo desdém pelo trabalho material, como se sabe. Na Europa, pelo menos, foi assim. O amor à experimentação, o descer das nuvens para se começar a construir a concepção cujo ponto de partida está na própria terra pode ter acontecido no dia em que Galileu fez as suas primeiras demonstrações científicas, como quer Bertrand Russell, mas foi a América o campo propício por excelência para a implantação em termos de objetividade e imparcialidade da historicidade do homem que vive a história, como ser condicionado que ele é. Foi aqui que se partiu de outra realidade bem diversa da que serviu de marco a gregos e romanos. A natureza, por exemplo, era menos benigna ou menos prodiga que na Europa. E só essa circunstância bastava para justificar as humildes conquistas do solo aqui feitas antes de virem os conquistadores ou colonizadores europeus, cingidas a uma organização muito estrita, digamos com Arciniegas ainda, mas que, para se conservarem, se tornavam mais humanas e menos contraditórias que as dos europeus. Quer dizer, a maneira americana de se conduzir na vida era mais científica e por isso é que se diz estar nela o melhor campo de experimentação imaginável, um laboratório social que dispunha do indio e do europeu e, portanto, capaz de valorizar dois tipos contrapostos de homem, apesar de haver nelas diferenças fundamentais.

Sem se apegar, contudo, a qualquer espécie de etnocentris-

SBH
Pt 200 (112)
ex 15 mead
57/11109
O Estado de São Paulo

O Estado de São Paulo
9.11.1957

Dos mais sugestivos é, por isso, o capítulo intitulado "Veredas de pé posto", em que é mostrado quanto os adventícios eram obrigados a se habituar, em matéria de estradas, como em quase tudo, às soluções e aos recursos materiais dos primitivos povoadores da terra. Assim, "às estreitas veredas e atalhos que estes tinham aberto para uso próprio, nada acrescentariam aqueles de considerável, ao menos durante os primeiros tempos".

Coisa curiosa era o caminhar imposto pela exiguidade das trilhas, principalmente no espesso da selva tropical, que o autor descreve admiravelmente e relaciona as razões de ordem fisiológica, com base nos estudos de G. Friederici sobre os índios norte-americanos, para aplicá-las aos de todo o Continente. "E' que, enquanto os brancos, por disposição natural ou educação, costumam caminhar voltando para fora a extremidade de cada pé, o índio caminha de ordinário com os pés para a frente. Na sua marcha, nota ainda Friederici, a planta e os dedos do pé aplicam-se inteiramente sobre o solo, porque todo o peso do individuo recai sobre o conjunto de maneira uniforme, ao passo que entre os brancos o polegar suporta uma parcela de peso desproporcionadamente maior. Com seu sistema peculiar, os índios não só economizam trabalho, pois a ponta do pé encontra naturalmente menos superfície de resistencia nos galhos e macegas, mas também, devido á distribuição mais proporcional do peso do corpo, "nenhuma junta desenvolve mais trabalho do que as outras, nenhuma parte sofre maior cansaço e, assim — *viribus unitis* — tornam-se possíveis percursos mais extensos".

Esse expediente ou recurso ajudava o índio a vencer o cansaço na existencia andeja e inconstante que levava e foi depois transmitido aos seus filhos mameucos, como também a muitos dos pioneiros brancos, que tiveram de imitá-los para resistir á hostilidade do meio. Mas não é só isso. O expediente evidenciava também a intelligencia e a sabedoria do índio, que não era nenhum bruto, nem o ser contraposto ao homem, tomada a palavra bruto no sentido do homem que provinha da Idade Media, o conquistador ou o colonizador branco.

Diante do fenomeno do índio, de resto, há a considerar toda uma attitude européica ainda subsistente, reminiscencia talvez da longa e dolorosa polemica ocorrida nos collegios episcopais e nas universidades do seculo XVI, quando era objeto de discussão o fato de se querer saber se o índio americano podia ou não incorporar-se á sociedade humana. Se ele não era o animal ou o bruto que então se assoalhava, e que ainda hoje ás vezes vemos repetir, os seus costumes, os seus habitos, as suas tecnicas tinham o legitimo direito de se re-

mo, Sergio Buarque de Holanda pôde ir ás fontes de nossa civilização, procurando restaurar as faculdades do homem que a viveu, quer quando lhe é dado ressaltar a pericia dos sertanejos, ou dos proprios índios, as suas qualidades de topografos, os zelos empregados por eles na localização e descoberta de agua potavel, quer quando descreve as iguarias de bugre, sem perder de vista a presença, no interior do corpo social, dos fatores tendentes a admitir ou a rejeitar a intrusão de habitos, condutas, tecnicas e instituições estranhos á sua herança de cultura.

Em todas as três partes em que o livro se divide, são acentuadas algumas formas de vida trazidas do Velho Mundo que tiveram sempre de se dobrar e ajustar para se amoldar a todas as asperezas do meio. E' claro que muitas vezes a raça aqui criada depois, em inumeras situações, se aproximava mais do índio do que do europeu, como ocorreu com o modo de locomoção verdadeiramente característico da expansão bandeirante, a marcha a pé que se opunha á locomoção animal, extremamente difficil e penosa nas brenhas e lugares acidentados.

Com estes comentarios, quero apenas me limitar ás linhas gerais de **Caminhos e Fronteiras**, sem descer ás suas minucias a respeito das tecnicas adventicias ou autoctones aqui discutidas e analisadas, tanto no que se refere á caça ou á pesca, ao aproveitamento da fauna e da flora indígenas, á terapeutica antiofidica, como no que concerne ás numerosas tecnicas primitivas, em parte ainda persistentes, de aproveitamento do solo americano e da industria caseira hoje em declinio.

Deixo aos especialistas o exame e a discussão dos pequeninos fatos, os detalhes sutis, as filigranas, contentando-me apenas com a visão de conjunto.